

7.7 PROGRAMAÇÃO DA FESTA MUNDIAL DO FOLCLORE DE 2000



Figura 9 - Dança gaúcha é a base do espetáculo dos Chimangos

Dias 21, 22, 24 de julho - Chegada das delegações – recepção com desfile de automóveis, bandeiras e foguetes no pórtico de entrada da cidade – independentemente do horário. Apesar de ocorrer em dias diferentes, cada delegação tem sua recepção nos mesmos moldes.

Dia 24 de julho – Jantar típico no CTG Sentinela dos Cerros. Momento em que se integram e são apresentadas todas as delegações – é oferecido jantar com comida típica e apresentações de folclores regionais dos países.

Dia 25 – Inauguração da FEMAPRO – Feira Municipal de Artesanato e Produtos. Tradicional evento que ocorre com a presença de autoridades, dos

comerciantes locais e com espetáculos de artistas da comunidade. Espetáculo em Agudo.

Dia 26 – Coquetel oferecido pela Prefeitura no CTG Sentinela dos Cerros. No ano 2000 foi aberto espaço para apresentação de vários grupos folclóricos escolares. Espetáculo em Vale Vêneto.

Dia 27 – Festa Campeira no PTG Guarda Velha – evento que demonstra uma tradicional festa gaúcha que serve para marcar o rebanho novo com o símbolo da propriedade ou do patrão. Mesmo já não sendo mais um intenso foco de “festivação”, as marcações reúnem ainda grande parte das demonstrações de usos e lides campeiras gaúchas.



Figura 10 - Visitantes estrangeiros acompanham a marcação de um animal

Dia 28 – Desfile das delegações. Missa na Capela Nossa Senhora de Fátima (ecumênica). Início dos espetáculos no Ginásio de Esportes Cyro Carlos de Mello.

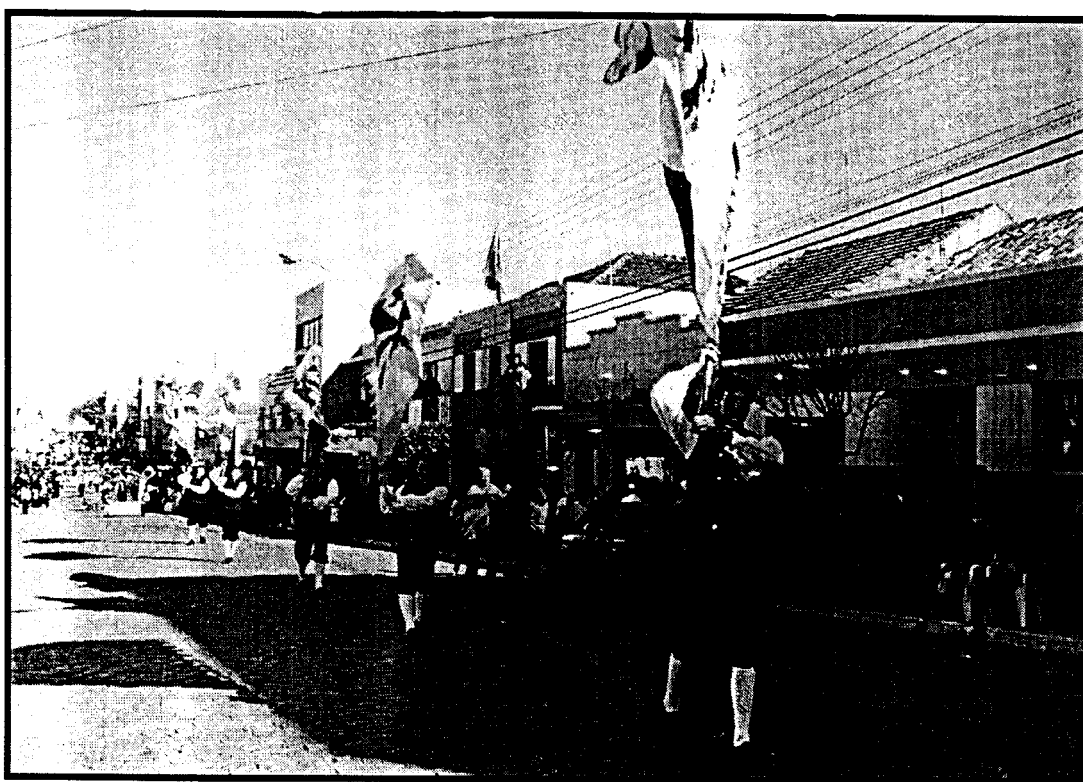


Figura 11 – Belgas fazem malabarismo com as bandeiras no desfile

Dia 29 – almoço oferecido pela ACIC/ CDL. Espetáculo no Ginásio de Esportes.

Dia 30 – Livre – encerramento dos espetáculos no Ginásio de Esportes

Dia 31 – livre

Dia 1º de agosto – Passeio ecológico: Pedra do Segredo, Guaritas e Toca das Carretas. Jantar de Troca de Danças, no Clube União Caçapavana

Dia 2 – Espetáculo em Lavras do Sul

Dia 3 – Espetáculo em São Gabriel

Dia 4 – Espetáculo em São Sepé

Dia 5 – Apresentação na Escola Estadual Cônego Ortiz. Apresentação na Escola Municipal Nossa Senhora das Graças.

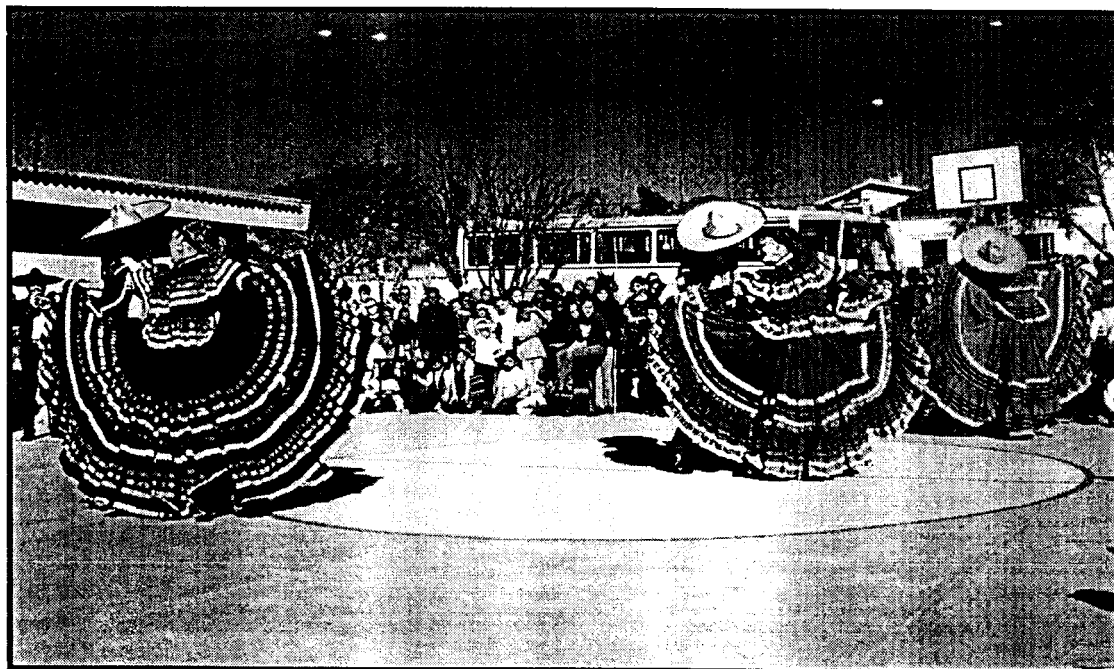


Figura 12 - Mexicanos visitam escolas do município

A cada data de retorno, há uma despedida das delegações organizada pelas famílias encarregadas de hospedar cada nacionalidade.

Finalmente, e considerando os elementos disponíveis, pensamos que buscar um ponto capaz de ligar as experiências vividas na sociedade às alternativas possíveis da educação formal torna-se absolutamente relevante. O fator que traz esta importância é justamente a mudança vertiginosa por que passam os processos de comunicação e da indústria cultural, cujo maior componente conceitual repousa no extenso leque de interpretações e dicotomias suscitadas pela Globalização ou Mundialismo. Profundas e ágeis mudanças na estrutura econômica do capitalismo mundial e na relação entre os Estados-nação, influenciando na conduta de povos das mais diversas origens trazem hoje o maior desafio da educação. Coesão e ruptura, desenvolvimento tecnológico e exclusão são preocupações que andam juntas, e unidas se dirigem ao campo que, historicamente, precisa buscar as soluções: a educação. Tais propostas têm deixado os educadores expostos a críticas e previsões obscuras relativas a preservação de suas carreiras e de suas espécies - como nos traz Lauro de Oliveira Lima em sua abordagem sobre as mutações em educação previstas por Mc Luhan:

“Os filhos do homem tecnológico reagem, com espontâneo deleite, à poesia dos trens, dos barcos, dos aviões e à beleza dos produtos da máquina. Na aula, os círculos oficiais suprimem toda a sua experiência natural: as crianças estão divorciadas de sua cultura. Não se lhes permite aproximarem-se da herança tradicional da humanidade pela porta da consciência tecnológica. Esta porta - a única aberta para eles - é fechada em seus narizes. A única porta que fica aberta para eles é a das caras sérias. Poucos encontram e muitos menos ainda encontram seu caminho de regresso à cultura popular” (Mac Luhan apud Oliveira Lima, 1985, p. 64).

8 ENTRANDO NA ALDEIA

Ao encaminharmos o início de nossa investigação, percebi como professor das disciplinas de Teoria Antropológica no curso de Ciências Sociais da Urcamp de Caçapava do Sul, que as características de um trabalho que envolvesse cultura, identidade, folclore reunidas a meu ver intimamente com o fenômeno educativo, trazia uma necessidade de ampliar a possibilidade de impressões. Por isso, somaram-se a mim, na coleta dos dados, quatro alunos colaboradores, cuja principal função seria a de colher dados junto à população e audiência dos espetáculos. Com o avanço de nossa prospecção no ambiente de manifestações da Festa Mundial do Folclore no ano 2000, muitas considerações foram dispensadas, tanto pela abrangência extremamente aberta que poderia caracterizar o presente trabalho, quanto pela coincidência de dados na emergência de categorias. Ressalto, entretanto, que muitos dados apontados nessa pesquisa têm como origem a colaboração de meus alunos colegas.

Nossa investigação iniciou com o principal objetivo de descobrir as implicações educativas da festa Mundial do Folclore em Caçapava do Sul, o que passava pela percepção que os habitantes da cidade tinham sobre o acontecimento.

Então optamos pela entrevista aberta, muitas vezes desenvolvida como uma conversa franca com os entrevistados, modalidade facilitada pelo procedimento de escolha de fontes, conforme já descrito na metodologia adotada. Classificamos as origens dos dados através do que denominamos muito pessoalmente de mapeamento social, no qual definimos nossas fontes como voluntários da recepção familiar, dançarinos, visitantes, população e professores. Ao fim de nossos encontros, tínhamos apresentado as seguintes questões abertas: 1) Como a Festa Mundial do Folclore é percebida em Caçapava do Sul e de que forma o contato com estrangeiros pode estabelecer-se como educação não-formal? 2) Quais são as situações educativas identificadas através da Festa Mundial do Folclore? 3) Quais são as influências da Festa Mundial do Folclore na formação da identidade local e na concepção de realidade dos grupos envolvidos?

Ao final da coleta, trabalho permeado por análise e interpretação, constatamos que os elementos descobertos traziam três aspectos primordiais, de onde outras subcategorias ganhavam vida e dinâmica complementar. Por isso, descreveremos os dados por categorias ligadas diretamente à primeira pergunta em particular, deixando que as demais respostas surgissem espontaneamente dos dados, apontando-as no momento adequado. Aqui vamos considerar os dezesseis (16) entrevistados como um *corpus* único de vivências, apesar dos aspectos sociais e culturais que poderiam defini-los entre si, para, então, saciar a avidez dos questionamentos aos quais nos lançamos.

9 A FESTA DA AMIZADE E DA CONVIVÊNCIA

Os questionamentos levantados para buscar uma compreensão sobre como os caçapavanos entendem ou percebem a Festa Mundial e seus eventos paralelos resultaram imediatamente em 20 expressões diretamente ligadas ao que denominamos *percepção como intercâmbio cultural*. Além disso, entre os 16 entrevistados apenas dois mencionaram razões de cunho econômico ou turístico e, mesmo assim, o fizeram com declarações que reúnem os dois aspectos ou, numa melhor interpretação, deixa impossível uma distinção específica entre eles.

É preciso apontar já no início da descrição que tal definição é ampla e a ela somamos classificações complementares que, por vezes se interpenetram, mas que pela compreensão e experiência se pode estabelecer alguns limites. As próprias fronteiras são flexíveis em função de depoimentos que falam sobre a amizade e a afetividade que enriquecem as experiências, muitas vezes decorrentes diretamente do processo de hospedagem, por exemplo.



Figura 13 - Integração das delegações no Forte Dom Pedro II

Aqui escolhemos por estabelecer o espaço correto para cada significação. Por isso, dividimos esse capítulo em cinco categorias específicas, das quais logicamente decorrem outras subcategorias igualmente mencionadas no conjunto dos dados, contudo, respeitando a ordem sugerida pelos entrevistados no que reconhecemos ser sua interpretação a respeito da festa. Assim, num primeiro momento serão abordadas as análises das respostas que revelam os objetivos de *intercâmbio cultural* da festa Mundial do folclore, dos quais são dependentes as manifestações de integração entre os países. A seguir temos uma abordagem sobre a *hospedagem familiar*, categoria da qual ainda se extraem significados como solidariedade na diversidade, tronar-se mais humano e, ainda, aspectos da convivência e enriquecimento cultural. No próximo passo, descrevemos e interpretamos os dados que se referem à *amizade como um elo* capaz de reunir todas as relações que acontecem no ambiente da festa mundial, pois notamos sua presença nos mais variados depoimentos. Uma quarta categoria bastante

evidente foi a preocupação em explorar a Festa Mundial como uma *alternativa econômica*, aspecto ao qual se subordinam referências sobre a história da crise econômica local, sugestões para a potencialização turística do evento, as festas existentes na cidade e a possibilidade de serem em parte fruto da influência da festa Mundial e, por último aspecto econômico, os participantes da pesquisa identificam uma necessidade de ação para chegar aos resultados comentados. Como quinta categoria, emergiram dos dados informações que dão conta de uma *afirmação de identidade* oportunizada pela festa, de onde também se destaca uma forte tendência para uma tomada de consciência individual e para as possibilidades de mudança. A última categoria relatada reúne as referências ao *conjunto da educação*, expressas em falas que remetem a um tratamento dirigido ao ambiente formal das escolas locais e a uma concepção dos participantes sobre o fenômeno educativo. Dessa categoria ressalta-se ainda indicações sobre recursos e espaços passíveis de serem utilizados como subsídios à educação formal, uma abordagem a respeito dos depoimentos que apontam um comportamento clientelista das escolas frente ao acontecimento da festa mundial e uma necessidade de desacomodação das escolas, nesse caso intermediado pelos relatos que indicam a premência de uma união maior entre promotores do evento, conjunto oficial da educação municipal e as iniciativas das escolas.

9.1 A PERCEPÇÃO COMO INTERCÂMBIO CULTURAL

Ao que indica a investigação, a primeira definição surge como uma tentativa de esclarecer o principal objetivo do evento, já que outras questões como economia e

turismo também surgiram no decorrer das entrevistas. Nesse caso não há equívoco em apresentar tal informação como uma firme posição dos entrevistados frente às sugestões de caráter econômico ou alternativa de fonte de renda que também emergiram da coleta. Assim deixam claros vários depoimentos que falam da origem da festa.

Ao descrever as origens da Festa Mundial do Folclore, uma professora integrante do grupo de arte Nativa Os Chimangos afirma:

“Porque eles (o grupo Os Chimangos) já tinham ido em dois ou três outros festivais. E eles queriam trazer isso para Caçapava. Essa troca que eles tinham lá, de ficar em outra casa. É muito bom mesmo tu tentar te comunicar, ver coisa diferente. E acho que foi mais por este lado de tentar trazer isso para Caçapava. Porque até então aqui até nem tinha, no Rio Grande do Sul foi pioneira. Depois surgiu aquela de Passo Fundo que a gente até nem sabia, mas depois no outro ano teve. E para ti ter uma idéia, quando nós fomos aos EUA, nos apresentar na Disney, nós fomos o primeiro grupo do Brasil a se apresentar lá. Então foi aquela coisa, a gente vai, a gente participa “nós”. E eles daqui? Então, quem sabe a gente faz alguma coisa aqui para também fazer esta troca?”(12.B.1).

Outra professora confirma tal ponto de vista:

“Eu até vejo mais assim pelo lado da cultura. Porque na época não estava havendo essa divulgação de turismo como está havendo agora. E eles já estavam fazendo a festa, já estavam preocupados com a festa e não havia preocupação com o turismo como acontece agora”(12.1).



Figura 14 - Folclore gaúcho em Utah, nos Estados Unidos

A grande maioria dos pesquisados refere-se ao constante sucesso de público que caracteriza a Festa Mundial do Folclore atualmente realizada no Ginásio Municipal de Esportes Dr. Cyro Carlos de Mello. Tal fato é explicado pelo benefício cultural identificado pela população e pela despreensão econômica do evento. É presumível pelos relatos que o grande encontro entre culturas e os objetivos da festa mundial sejam compactuados pela sociedade caçapavana como um todo e que o motivo para o alcance dessa credibilidade tenha sido a ausência de lucro na organização e desenvolvimento do evento.

“O grande benefício é cultural e as pessoas estão respondendo porque o Melão está sempre cheio” (4.1).

“(...) a frequência de público comprova a aceitação da festa Mundial”(3.1).

“A ausência de ambição comercial constrói o conceito da festa”(6.1)

Apesar da relevância dada pelos entrevistados ao principal foco do evento, em nenhum momento há uma rejeição às possibilidades de proveito econômico ou turístico. A tal ponto que as referências a uma potencialização da festa em caráter comercial valeram sua escolha como uma categoria especial a ser demonstrada na próxima categoria de nossa descrição.

Num primeiro momento da análise, o conceito de intercâmbio construído pelos entrevistados vincula-se às relações de troca de informações e influências entre pessoas de origens étnicas e de países diferentes, não apenas com os caçapavanos, mas também entre si. A escolha lexical é pertinente na mesma medida em que se compreende a modalidade de recepção utilizada pela festa, onde convivem delegações de artistas de vários países. Isso fica evidente em manifestações como a do professor: *“eu vejo a festa é como uma grande integração entre os povos”*. Ou também *“Há uma integração perfeita”*, conforme sugere um comunicador.



Figura 15 - Público da Festa Mundial do Folclore chega a três mil por noite

Jerome Brunner (2001) aponta vários preceitos fundamentais de uma abordagem psicocultural à educação, dentre os quais destacamos nessa oportunidade o que se refere aos intercâmbios e interação ou, simplesmente, preceito interacional. Através desta linha, reconhece-se o ser humano como portador nato da possibilidade da linguagem, mas sobretudo, detentor do talento muito desenvolvido para a intersubjetividade – habilidade de entender as mentes dos outros, através da linguagem, dos gestos ou outros meios.

“Ao contrário de qualquer outra espécie, os seres humanos ensinam deliberadamente uns aos outros em ambientes fora daqueles em que o conhecimento que está sendo ensinado será utilizado. (...) Certamente, muitas culturas nativas não praticam uma forma tão deliberada ou descontextualizada de ensino como nós. Mas ‘contar’ e ‘mostrar’ são tão humanamente universais quanto falar” (Brunner, 2001, p.29).

Desta maneira, surge estabelecida uma comunidade ou subcomunidade em interação, onde não apenas as palavras tornam possível a transmissão e troca de experiências e conhecimentos, mas a própria consciência e compreensão dos contextos e seus resultados, principalmente pela capacidade intersubjetiva, que permite que “negociemos” significados de atos e gestos quando as palavras se perdem. O que parece necessariamente apontar para o caso do intercâmbio num ambiente em que a própria linguagem tem dificuldade de se estabelecer em sua plenitude.



Figura 16 - Franceses cantam em português o “vira-virou”, canção característica da festa

Nossa preocupação em estabelecer uma classificação para o termo intercâmbio originou-se de sua delicada aproximação com expressões como hospedagem, convivência, troca, integração ou interação. Essa questão que sugere um posicionamento de cunho metodológico, explica-se pelo fato das palavras

aparecerem associadas, regularmente, aos mesmos objetivos. Não foram raros os momentos em que um conceito era explicado com a utilização de um anterior. Por isso, buscamos categorizá-las em sua própria ambientação, recorrendo ao dados escritos e seus significados contextualizados.

9.1.1 Integração entre países

O intercâmbio relatado pelos participantes da pesquisa está intimamente relacionado a perspectiva de uma posição de maior destaque frente a uma realidade global. “*A festa coloca Caçapava no mundo, como um ponto cultural no mapa*” (4.1). Tais manifestações trazem sempre um sentido de abertura pouco condizente ao atual processo de crítica à globalização econômica, como antevendo que o contato cultural pode ser menos nocivo e, até, mais importante do que as trocas econômicas: “*Estão abrindo portas culturais*” (4.1). Dessa idéia também partilha um dos visitantes mexicanos quando garante que a exploração ou dominação econômica de um país pelo outro começa pelos aspectos negativos.

O convívio e a preservação das raízes culturais serviriam então para equilibrar as influências do contato no mundo globalizado, não para resistir a ele, mas para se adequar: “*é primordial que se fomentem as raízes de cada país*”(7.1). Esta seria a finalidade de “*troca positiva*”, conforme classificada em outra resposta (7.1).

A troca de influências positivas acontece, de acordo com os dados, pelo processo de aprendizagem da cultura oportunizado pelo contato continuado que a festa oferece através da hospedagem e outros mecanismos. “*A aprendizagem se dá*

pela cultura de cada país”, relata outro mexicano, o que acaba se transformando numa “atividade importantíssima para estabelecer a paz entre os países” (8.1).

A preocupação externada com o modelo de globalização traduzido pelo viés econômico muitas vezes mais confunde do que esclarece as implicações do processo de discussão cultural mundial. Para Octavio Ianni (1999), a globalização do mundo marca um novo ciclo de expansão do capitalismo enquanto modo de produção e de processo civilizatório. Tal realidade ainda pouco conhecida precisa ser percebida como resultado de uma trama histórica recheada de recorrências, mudanças e rupturas que envolvem o processo de produção, tecnológico, social e político. Como característica mais relevante, a nova realidade resulta em uma inusitada fragmentação das fronteiras do mundo conforme sua representação anterior, no que se refere aos limites geo-políticos. A expansão transnacional da economia confere elevado valor de significado ao mercado e ao consumo, agora encarados mundialmente. Talvez por isso, tenham se configurado as resistências exemplificadas na preocupação do depoimento. Contudo, isso decorre de uma aproximação muito restrita entre o atual processo de mudança com outros ciclos econômicos ou de hegemonia historicamente conhecidos, como colonialismo ou imperialismo, nos quais culturas inteiras foram aniquiladas.



Figura 17 - Rainha do Carnaval municipal e o visitante austríaco em divertida confraternização

Em entrevista à revista *Comunicação e Educação* da USP, Renato Ortiz declara que não há paralelo entre os dois tipos de interpretação ao avaliar a hegemonia da língua inglesa numa exemplificação que poderia ser interpretada como uma ameaça às culturas locais. *“Isso não significa que outras línguas vão desaparecer. Não há nenhum processo gradativo que fará com que outras culturas desapareçam. Existe um processo e nesse processo um movimento de expressão das diferenças culturais, identitárias, lingüísticas”* (maio/ago 2000, p.73). Na visão de

Ortiz, existe na verdade um acirramento, uma intensificação das identificações locais, inclusive frente ao modelo do Estado-nação, altamente influenciado pela tendência iniciada na economia (mercados e empresas transnacionais) e fomentada pela tecnologia da informação e comunicação (segmentação de público ou nichos de mercado). Nessa nova realidade, a ampliação do acesso ao diferente e ao outro oferece ao peculiar e as “minorias” uma fonte de atenção e elaboração de identidade.

No caso da festa Mundial do Folclore, tal contato tem estabelecido uma dinâmica de afirmação da cultura local e de respeito às microrealidades de vários países, inclusive regionais, o que será tema a ser desenvolvido num capítulo próprio a seguir.

Os efeitos de aprendizagem mútua e compreensão entre pessoas de origens diferentes são explicitados por depoimentos que apresentam a Festa Mundial como o mais forte elemento cultural da cidade. Suas ações têm reflexos na criação de outras festas tradicionais ou grupos artísticos que buscam na experiência do Grupo de Arte Nativa “Os Chimangos”, inspiração ou modelos. Outros aspectos relacionados ao processo de intercâmbio, como hospedagem, interações e identidade também foram destacados, mas passam a ser abordados em sua área de descrição nos capítulos seguintes.

9.2 HOSPEDAGEM FAMILIAR E EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL: O ESPAÇO DA CASA

Apontada por todos os entrevistados, é possível afirmar que a hospedagem familiar estabelecida para acolher os integrantes de grupos estrangeiros é o item mais mencionado do evento. Contudo, as características conferidas pelas fontes a inserem num contexto de instrumento fundamental do intercâmbio cultural. Por outro lado, essa visão instrumental capaz de fomentar aprendizagem não-formal, convivência, enriquecimento familiar, emoção e amizade, de acordo com o teor dos relatos, desde cedo estabelece também uma relação de geradora e nutridora fundamental para o evento.

Já nos primeiros contatos com os organizadores da festa, ficou clara a perspectiva de que a participação da comunidade, abrindo-se ao voluntariado da hospedagem, confere viabilidade econômica ao acontecimento. “Se não fosse pela hospedagem não haveria como manter um evento grandioso como estes numa cidade pequena como Caçapava”, relata a presidente do Grupo promotor, Rita Helena Albarnaz. Apesar disso, grande parte da sociedade percebe a hospedagem como uma oportunidade de convivência e enriquecimento familiar, sem uma noção exata de sua funcionalidade, pelo menos não da mesma maneira como precisa ser encarada pelos organizadores: *“a credibilidade da Festa é maior principalmente pela hospedagem”* (11.2).

Por isso, uma média de 70 famílias, a cada dois anos, inscrevem-se no cadastro de recepção a fim de acolher duplas de estrangeiros integrantes dos grupos

artísticos e folclóricos. A partir daí colhe-se uma enormidade de impressões que vão, conforme os dados apresentados, muito além da função de manter hóspedes, mas de estabelecer novas relações de amizade e conhecimento. O fenômeno iniciado na hospedagem fomenta indagações que vão desde a geração de situações educativas até as influências sobre os valores familiares e espaços já sagrados socialmente como são os dos lares.

O antropólogo Roberto Da Matta (1986), explica que as festas são ocasiões que permitem descobrir oscilações entre visões alegres e soturnas da vida e do mundo. Como exemplo da primeira ele apresenta o carnaval e para ilustrar o segundo caso, traz a tona os rituais criados para preservar a ordem das relações de classe, religiosas ou formalidades. Para ele todas as festas teriam a função de resgatar espaços, tempos ou relações sociais. Sob este ponto de vista também seria correto supor que operam decididamente na manutenção e reforço de identidades, formalizadas mediante manifestações como desfiles, paradas, procissões e cerimônias oficiais, cada qual com seu espaço correspondente. O que nos chama a atenção aqui, é exatamente o fato de uma festa hipoteticamente centrada em espetáculos de dança, ser percebida pelos pesquisados como espaço do cotidiano caseiro e da hospitalidade para, somente em segundo plano, identificar outros espaços como a própria educação formal ou escola.

As considerações apresentadas pelo autor são articuladas num discurso que coloca frente a frente o cotidiano, o sagrado e o profano. Os espaços da rua, do trabalho e o espaço da casa e do conjunto familiar que impõe ao lar uma série de relações compartilhadas que acabam construindo uma identificação peculiar, um

espaço ímpar se comparado ao ir e vir homogêneo do dia-a-dia da rua. Pelas referências extraídas do material de análise, cremos ser importante dedicar a devida atenção a esse espaço reconhecido como o grande palco da Festa Mundial do Folclore: a casa de família.

Como foram muitas as referências que destacam a hospedagem familiar e as noções de convívio nos lares, vamos descrever os dados levando em consideração tais indicações. Entre os 16 entrevistados foram registradas 45 alusões expressas à hospedagem familiar e ao processo de convivência ligados exclusivamente às residências.

As primeiras referências dizem respeito às preocupações iniciais das famílias candidatas à hospedagem cujos problemas seriam a falta de espaço, casa pequena, questionamento sobre despesas. O Grupo de Arte Nativa Os Chimangos, desde a primeira Festa estabeleceu um cadastro de famílias que manifestam o interesse de hospedar duplas de estrangeiros participantes de grupos folclóricos. Para tanto, é necessário que se disponham a acolhê-los em suas residências, cumprir compromissos que dizem respeito ao deslocamento de seus hóspedes durante uma programação agendada e divulgada previamente e garantir os custos de sua alimentação durante o tempo que estiverem em sua casa. As orientações do grupo organizador antecipam que o ideal de hospedagem permaneça em torno do cotidiano, sem que haja uma mudança radical na vida diária e afazeres das famílias, inclusive, no que diz respeito à alimentação.

A fase é superada com a chegada dos hóspedes, quando registra-se uma espécie de descoberta de um ambiente alimentado pela afetividade, como demonstra o seguinte relato:

“Primeiro tem uma preocupação - principalmente por mim que já tinha ido e percebido como eles faziam lá, na casa deles e tudo o que eles tinham. As pessoas perguntam: o que eles têm lá? Bom a casa deles é maravilhosa. Têm calefação, tem carro a vontade. Aí vem a preocupação: bem, mas e agora, eu não tenho tudo isso. Então quando eu fui hospedar pela primeira vez os chineses eu pensei, como vou fazer, minha casa só tem dois quartos? Bom é pequeninha, mas eles só precisam de um quarto e eu preciso do outro não é? (...) Quando eles entraram em casa, já que estão acostumados a ter tudo num espaço muito menor do que o nosso, eles acharam assim tudo maravilhoso, que a casa era grande, mas também diziam que não interessava o tamanho da casa, o que interessava era o tamanho do coração (11.2).



Figura 18 - Hóspede sueca com sua “família” brasileira

Fica evidente nas respostas apresentadas que a superação dos problemas iniciais dão-se pelo estabelecimento de laços afetivos, para então iniciar-se um ambiente de aprendizado informal. Assim pode ser interpretado pela leitura dos seguintes depoimentos: “*a gente sente que eles se tornam nossos filhos*”(1.2) E ainda: “*Eles se tornam membros da família*” (4.2).

Esta constatação inicial já aponta uma combinação com a descrição das concessões feitas pela família dentro do espaço da casa, de acordo com o que defende Roberto DaMatta (1986). Apresentando o espaço da casa como uma dimensão moral, uma esfera onde a sociedade realiza individualmente como seres humanos, é válido observar que também é o local reservado e protegido com os símbolos da honra, da vergonha e do respeito. “*Quero referir-me ao amor filial e familiar que deve estender-se aos compadres e amigos para quem as portas de nossa casa estão sempre abertas e nossa mesa está sempre farta*” (1986, p. 26).

Acreditamos ainda que um fator de relevada importância para o que os participantes notaram como convivência de profunda significação é o tempo em que os visitantes são colocados em contato. O período médio de permanência das delegações durante a hospedagem da festa mundial é de quinze (15) dias. Ao longo desse tempo, há uma enormidade de procedimentos, ritos cotidianos, trocas de presentes e práticas diárias das quais convidados e familiares extraem profundo significado. A efetiva prática da recepção cria espaços de manifestação e aprendizado no interior da residência que implica desde uma conversação bastante intensa, o estabelecimento das normas de conduta e horários disciplinares até aos

momentos em que se trocam afazeres domésticos, como o dever de cozinhar e aprender paladares estrangeiros.

9.2.1 Solidariedade na diversidade: tornar-se mais humano

Isso que podemos chamar de convivialidade profunda, instaurada entre pessoas de diferentes etnias, culturas e que encontram barreiras lingüísticas às vezes quase intransponíveis é também identificada e reconhecida como uma das grandes vantagens da Festa Mundial do Folclore. A necessidade de comunicação e a vontade de fazer contato parece motivar um processo educativo e de crescimento pessoal sem precedentes na vida da maioria dos entrevistados.

A simples barreira de abrir a residência impregnada dos conceitos e reservas que já enumeramos, em si, parece um passo desafiador. Em que pese uma sociedade estabelecida sob a tradição da hospitalidade, é sempre uma tarefa difícil decidir sobre um espaço tão particular. Mas para as famílias que hospedam, a experiência, ainda que para alguns seja cansativa, parece muito compensadora a julgar pelo depoimentos:

“Mas acho que isso contribui muito para o pessoal que hospeda porque tu muda muito. Eu acho que, dependendo da pessoa, tu deixa de ser egoísta, tu aprende a compartilhar. Eu acredito que eu e meu irmão já tínhamos mais facilidade pelo ambiente de criação. O que mais colaborou foi eles conhecerem o meu dia-a-dia, o nosso cotidiano aqui em casa. E eu perguntava: e lá como é? E eles faziam comida. Nós fazíamos a nossa comida e alguma coisa para agradar. E assim se descobria a cada dia um pouquinho de pessoas que estão lá do outro lado (do mundo) e que são tão diferentes da gente” (6.2).

“Para mim, isso é fundamental hoje em dia porque é uma forma de tu ficar mais humana. Porque tem gente que é mesquinha. Eu já vi pessoas dizerem que não hospedam porque não querem dividir a casa e por aí. E é tão bom né? Quando a gente fica em casa conversando com eles”(6.2).

Outra fala que também revela uma necessidade de busca e superação é a da professora que abriu sua residência para a festa:

“Uma coisa que me chamou a atenção e eu sempre conto este fato como experiência. Porque a gente sempre tem que conhecer a nossa realidade para poder mostrar para os outros. E uma das coisas que mais me chamou a atenção foi quando eu tive de falar sobre Caçapava para os meus visitantes. E eu tive dificuldade porque eu também não conhecia Caçapava e tive que conhecer por eles, muita coisa” (13.2).

Para uma integrante do grupo Os Chimangos que relatou uma experiência que teve sendo hospedada, o fenômeno de mudança pessoal refere-se a uma visão da realidade que passa pela comparação.

“O lugar mais difícil para mim foi a Alemanha, embora tenha sido o lugar do qual eu tenha extraído mais coisas úteis para a minha vida. Lá as mulheres todas elas fazem o serviço da casa e se tu olhar a casa, são mansões. Tudo o que tu imagina que se possa ter de conforto dentro de casa eles têm. Então isso me chamou muito atenção. E não é que isso tenha mudado a minha vida, mas me fez dar mais valor, valorizou até mesmo as coisas que eu passei. Porque eu comecei, assim para começar a estudar, para começar a fazer determinadas coisas, eu comecei de babá, aí eu fui crescendo, fui estudando, entende? Fiz faculdade consegui meu trabalho. Mas então

eu vi que o que eu havia feito aqui era uma coisa natural. E eu acho que isso começou a valorizar mais o que aconteceu com a minha vida” (11.2).

Mas também existe o momento em que a dificuldade faz iniciar-se o aprendizado, mesmo que às vezes a pessoa não perceba:

“Mas é aí que tu aprende. Aí é que a gente aprende. E tem aquela coisa: vou me apresentar para ele, vou dizer que trabalho aqui, que tenho tal idade, minha família mora lá fora, que bobagem! Mas isso para eles é o máximo. E é mesmo o máximo para eles, simplesmente contar o que tu fazes no dia-a-dia - que é realmente o que eles querem saber. Assim como nós, quando a gente está lá, nós também temos a curiosidade de saber. Com os chineses mesmo, tinha um que falava inglês, o outro não falava absolutamente nada. Tu sabe que eu me identificava muito mais com o que não falava nada? A gente sentava e quase amanhecia conversando, com dicionário, papel para desenhar (risos), mímica e tudo quanto era coisa. Precisava ver o quanto a gente conversou” (11.2).

Ao empreender uma relação nova com um “estranho” dentro da própria residência as pessoas acabam revelando uma dimensão implícita do contato. Apesar do convívio se dar em torno da troca cultural necessariamente representada pelo folclore e suas manifestações regionais, grande parte do processo de educação não-formal que se pode constatar é estabelecido perante aspectos do cotidiano e da vida pessoal dos envolvidos, como deixaram antever dois relatos expostos.

Por mais parecidas que possam ser, antigas, belas, luxuosas ou simples, as residências possuem, segundo DaMatta, uma identidade única que, por sua vez determina a identidade dos que nela vivam. Assim, conjumina-se o peculiar convívio pessoal, afetivo e familiar com o reconhecimento de alteridades, retornando o processo numa mecânica de conhecer ao outro e de autoconhecer-se. Eis porque em nossa interpretação, os relatos dão conta de informações pessoais tão úteis e valorizadas nestas relações. De questões rotineiramente tão simples como o ato da conversa até a discussão sobre danças folclóricas, a vida dos indivíduos envolvidos na festa gera sempre um aspecto renovador e estimulador de conhecimentos. Assim pode-se realmente definir a casa como um espaço de amor e harmonia, *“algo que contrasta terrivelmente com a moradia coletiva das prisões, dormitórios, alojamentos e hotéis, onde não se pode efetivamente projetar nas paredes, nas portas, no chão e nas janelas a nossa identidade social”* (DaMatta, 1986, p.27)

Somando-se aos depoimentos sobre superação de conhecimentos e de aproximação pessoal, é importante destacar a afirmativa de um mexicano que também percebeu tal possibilidade: *“Não há apenas bailes, danças e músicas, mas o intercâmbio de pontos de vista pessoais”*(8.2).

Essa posição também foi referida por outro participante:

“Eu acredito que, pelas experiências que a gente tem na festa, acontece esse resgate também da identidade. Até pela curiosidade que a gente tem de aprender para poder transmitir. Eu estou contando algumas vivências porque foram experiência que acho que podem contribuir nesse sentido. E ficou na minha casa um arquiteto do México. Então é claro que a arquitetura para ele era a alma da sua

profissão e ele contava tudo que sabia. E ele se deparou comigo que era uma professora, e ele achava que o mesmo amor que ele tinha pela arquitetura eu teria pelo magistério. A mesma coisa. Então era assim. Geralmente ele estava falando sobre arquitetura e eu falava sobre educação. Então nossa conversa se envolvia sempre no mesmo sentido e eu via que ele queria passar para a gente o quanto era importante a gente saber que em nossa cidade existe aquela parte, digamos assim, nós da educação, que todos os professores estivessem envolvidos com FMF e na realidade não estavam todos envolvidos. No caso dele, ele participava de um grupo artístico, mas ele trouxe com ele aquela bagagem que sua profissão também era importante. Então a gente as vezes dá mais valor para a parte artística, para o espetáculo, e não percebe a educação, não no sentido educação, mas valorizar o que tu és pessoalmente. Em todos os grupos que a gente conversou eles falavam muito daquilo que eles eram na vida realmente. E não assim, nós viemos aqui para dançar. Nós viemos aqui para transmitir alguma coisa” (13.B.2).

A revelação do processo de hospedagem e da convivência que também pode surgir no espaço da rua e dos espetáculos foi descrito pelos participantes como experiência de enriquecimento cultural, cuja análise passamos a descrever em nosso próximo passo.

9.2.2 Convivência e enriquecimento cultural

A expressão enriquecimento cultural, apesar de poder ser interpretada como o acúmulo de experiências e conhecimentos, precisa aqui ser colocada no campo de referências ao qual foi dirigida pelos relatos colhidos. Dos 14 registros apontados, a maioria refere-se ao valor e quantidade de informações aprendidas com os

estrangeiros em princípio pela família, para depois ser considerada a sua irradiação pela comunidade.

Assim, as unidades que compõem esta categoria distinguem os visitantes como pessoas com características capazes de contribuir para a vida das que hospedam. Os dados apontam virtudes como respeito, confiança e boas referências para os filhos dentro do ambiente de convivência familiar como destaca o participante:

“A presença de pessoas de outros países, especialmente vindos da comunidade européia, com a cultura milenar e grau educacional elevado acima da média e, ao mesmo tempo, a presença de grupos aqui da América Latina, especialmente da Argentina e do Uruguai e, neste ano, do México e a oportunidade que essas pessoas tiveram de ser acomodadas em residências de famílias de Caçapava, isso naturalmente tem uma influência importante. Esta convivência acaba por transmitir, fazer uma interatividade entre, não só as pessoas, mas entre a cultura que cada uma delas acaba trazendo de seu país de origem (...) A grande vantagem é justamente a oportunidade que várias famílias têm de abrigarem em suas residências pessoas que vêm de outras comunidades e outras culturas. Acho que isso traz um ganho para as famílias e isso, naturalmente, se irradia para a comunidade”(5.2).

“Vale a pena porque são pessoas confiáveis” (11.2).

“Trazem um conhecimento interessante”(6.2)

“As famílias enriquecem culturalmente, vão se interessar mais sobre os países” (10.2).

Outro dado que surgiu da amostragem com as pessoas que hospedam é o acontecimento de uma construção mútua de uma concepção da realidade do outro numa desmistificação das informações criadas pelos meio de comunicação de massa. O mesmo ocorreu em outras entrevistas com professores cujo resultado devemos descrever no momento oportuno. Por ora, acreditamos ser o suficiente contextualizar a relação mencionada no ambiente da hospedagem:

“Eles trazem livros - quando a gente sai, a gente quer levar coisas do país da gente, quer contar. A primeira coisa que a gente faz na Europa é dizer que o Brasil não é só aquilo que aparece na televisão. E eles também fazem isso quando chegam. Qual é a imagem que eu tenho do México eles me perguntaram. Eu disse, olha uma cara bem bigodudo, com pala e sombrero e tomando uma tequila muito forte. E a imagem do Brasil é a do índio pulando em um pé só. Então, aí elas aprendem que não é só isso. E eles contam mais, elas perguntam mais e eu também quero saber. Eles falam da comida, do clima, ficamos conversando muito (6.2).

O efeito de ampliação da convivência entre brasileiros e estrangeiros começa pela ação dos vizinhos ou círculo de amigos mais próximos das famílias, estendendo-se pelos espetáculos e momentos de confraternização providenciados pela organização da Festa Mundial, como os bailes de troca de danças, onde os integrantes de várias nacionalidades dançam entre si, ensinam e aprendem as coreografias folclóricas dos outros grupos, familiares e convidados, num animado e engraçado contato festivo.

Ainda que num nível menor, pelo que se pôde notar pelas 8 unidades recolhidas, o próprio contato entre brasileiros fomenta novas relações na comunidade de origem e na própria vizinhança. Assim atesta o seguinte relato:

“Outra coisa muito importante são os vizinhos. São pessoas que nunca vêm na tua casa e quando tu está com o pessoal hospedado a tua casa fica aberta a todo o momento. Não só pelos estrangeiros, mas pelos vizinhos - posso conhecer o pessoal da Europa? Claro, não só pode mas deve (...) pessoas que eu nunca tinha trocado uma palavra e que passaram a freqüentar a minha casa e conviver comigo como se fôssemos amigos há muito tempo. Conheci várias pessoas assim. Eu acho que era uma coisa que valia a pena, de repente ver todo aquele pessoal dentro da tua casa - olha hoje nós vamos almoçar com vocês. Ótimo, traziam determinados pratos para cá. As vezes nem era tanto para almoçar, mas para ver a maneira como os chineses comiam, se comiam de pauzinho ou de garfo” (11.2).

Somado à ação espontânea dos conhecidos, outros anfitriões também promovem festas ou encontros onde se reúnem estrangeiros de várias delegações e brasileiros. Nesses momentos de confraternização, os integrantes de comitivas têm a oportunidade de trocar danças, aprender palavras, presentes e vivências com pessoas que não estão ligadas diretamente nem à organização artística do evento, nem às famílias voluntárias.

O estudo ainda apontou três referências explícitas no sentido de que a convivência proposta pela festa não deve ser considerada exclusivamente no âmbito das hospedagens. Apesar de parecerem poucas, faço questão de mencioná-las pela possibilidade de outros entrevistados terem adotado a expressão convivência e

enriquecimento cultural num sentido amplo, sem esta percepção de localizá-la espacialmente. Desta maneira, faço menção das seguintes idéias: “*As vezes, o importante nem é tanto a hospedagem, mas a convivência*” (13.B.2) Ou ainda: “*Embora eu não tenha hospedado, a gente sempre tem contato*” (12.A.2).

Manifesta-se já aqui algumas disposições positivas para amparar o que Perez Gomes (2001) destaca como tendência Civilizatória – um processo de construção global compartilhada apontada por vários autores das ciências sociais. Em sua interpretação, os conteúdos concretos, modelos de vida e critérios históricos de cada sociedade são singulares e, por isso, não seriam absolutamente seguros se transformados em uma pretensa identidade universal do gênero humano. Entretanto, as iniciativas de intercâmbio na tendência à universalidade podem ser melhor esclarecidas se compreendidas como um diálogo entre as culturas, como um processo de entendimento compartilhado a partir do respeito às diferenças:

“Assim, por exemplo, se aceitamos como fundamento do respeito às diferenças culturais o caráter histórico e contingente de cada formação cultural, não é difícil admitir a exigência de utilizar este mesmo fundamento para desmistificar o caráter natural que pretendem adquirir alguns elementos internos da própria cultura, e aceitarmos ao menos a possibilidade de que o intercâmbio conceitual, experiencial e crítico, não meramente mercantil, entre diferentes culturas, seja uma estratégia ou um procedimento enriquecedor da própria bagagem cultural” (A.I.Pérez Gómez, 2001, p. 41).

Ainda que um processo de sobrevivência da espécie, necessite de amparo nas construções compartilhadas, é preciso destacar que os recursos que lhe dão conteúdo são gerados em ambientações de indivíduos singulares e grupos que só se realizam em sua diversidade, autonomia e divergência.

“É importante, sobretudo, fazer com que cada um possa se situar no seio da comunidade a que pertencem primariamente, a maior parte das vezes, em nível local, fornecendo-lhe os meios de se abrir às outras comunidades. Neste sentido, importa promover uma educação intercultural, que seja verdadeiramente um fator de coesão e paz” (De Lors, 1999, p.55).

Dessa forma, temos que num ambiente nacional aonde as discussões de teor mais profundo a respeito da globalização ainda não chegaram às escolas ou a grande parte de suas populações do interior, a Festa Mundial do Folclore há 10 anos antecipou-se na oportunidade de contato e fomento ao respeito entre os diferentes de várias nações.

9.3 AMIZADE: O ELO ENTRE TODAS AS RELAÇÕES

As relações estabelecidas durante a Festa Mundial do Folclore e a própria disposição dos participantes apontam para uma efetiva troca de estímulos e de emoções. As respostas apontam 28 vezes a palavra amizade para definir a qualidade da troca envolvida nas famílias, na rua e nos espetáculos. Outras expressões como *afetividade*, *emocionante*, de *arrepiar*, já consideradas em momentos anteriores devido às contextualizações necessárias deixam um eco na interpretação dos presentes dados como a indicar que a amizade e a vontade de fazer amigos pode ser eleita como o alicerce da Festa Mundial do Folclore. É preciso, novamente, ressaltar que os termos que indicam ser a Festa Mundial do Folclore uma festa de emoções são mencionados ao longo de toda a pesquisa e que a descrição a seguir requer seja entendida como um direcionamento objetivo ao significado e suas implicações.

Começamos por descrever falas que garantem ser a busca de novas amizades o grande incentivo para que as famílias procurem o cadastro de hospedagem voluntária. Assim registram-se expressões como: *“Tem gente que hospeda com o objetivo de fazer novas amizades”* (6.3) *“O objetivo profundo da festa é consolidar amizades”*(10.3) *“A hospedagem é o aspecto mais importante da festa pelos laços de amizade que ficam”* (6.3) *“Destaco da experiência o vínculo de amizade que é sentido. Sentimos muito mais afeto”*(7.3).

Mas além das relações estabelecidas dentro do ambiente familiar, muitos depoimentos dão prova do intenso fluxo de emoções instaurado na convivência diária das ruas e espetáculos.

“A festa me ajudou em todos os momentos da minha vida, inclusive profissional. Eu comecei a buscar mais informações sobre todos os países que vem aqui e isso me enriqueceu culturalmente. É claro que quando tu buscas informações e que são dados que tu sabes que vai usar um dia, que não é somente para enriquecer, mas usar, isso modifica a tua vida. Mas eu acho que uma das coisas que mais me marcou na FMF foi no ginásio quando, sempre no último dia do show, primeiro há aquela integração, nos três ou quatro dias que antecedem a festa. As pessoas passam na rua por um estrangeiro, conversam, cumprimentam, sorriem ou há as vezes até um troca de material turístico. Tudo isso vai criando nas pessoas uma amizade tão grande que a gente já não se surpreende mais. E acaba culminando com o último dia da festa no ginásio, onde as pessoas sabem que é a despedida de cada um dos grupos e todo mundo começa a gritar, as pessoas começam a gritar o nome do país. E isso, algo mexe com a gente, deixa a emoção realmente à flor da pele, porque é alguém que está partindo, é um amigo que está partindo e tu não sabes se ele vai

voltar um dia a tua cidade ou não. Muitas vezes alguns deles voltam a Caçapava exatamente por isto, por este clima de amizade e recepção que existe aqui. A chegada também é emocionante. As pessoas estão vindo para um mundo novo, há aquela expectativa. E quando as pessoas se encontram, quando elas desfilam no centro da cidade, a gente sente o retorno da recepção, as pessoas abanando. Elas saem de dentro do desfile para conversar nas calçadas, uma verdadeira integração entre países”(10.3).



Figura 19 - Amigos trocam danças folclóricas

Os relatos que dão conta do surgimento de verdadeiros laços de amizade extrapolam a mera descrição dos acontecimentos. Os elos mencionados referem-se à permanência de contato entre hóspedes e visitantes. São muitas as histórias de caçapavanos que se correspondem e mantêm vínculos de comunicação com estrangeiros de várias partes da Europa, atividade que já era intensa através de

correspondência convencional nos primeiros anos da festa, em muito foi potencializada pela popularização da internet e sua possibilidade de comunicação eletrônica e instantânea.

“Eles fazem amizades fora do grupo de pessoas que eles estão convivendo e fora do pessoal dos Chimangos. Outro dia eu fui no Edinho (um cabeleireiro) e a mãe dele me disse que tinha recebido uma carta do pessoal do México. Aí eu lembrei: mas eles não puderam hospedar. Claro que não, ela foi, conheceu e falou com eles. E tem um cantor lá no México, que não me recordo o nome, que é muito famoso e hoje é uma pessoa de idade. Então ela comentou com eles que era apaixonada pelo cantor ‘no meu tempo de guria ele era muito famoso’, e essas coisas. E ela me disse, recebi uma carta mandando uma foto do tal cantor. Então não é um círculo de amizade pequenininho. Eles fazem muita amizade”(6.3).

Além do fluxo de correspondência, várias foram as visitas de estrangeiros em férias de verão que retornaram às residências que lhes acolheram durante a Festa Mundial do Folclore em Caçapava do Sul. O último registro da imprensa local sobre o assunto é de 16 de março de 2001:

“A Festa Mundial do Folclore não atrai turistas ao município somente durante a sua realização. Exemplo disso é Stefan Kulz, 30 anos, residente na Alemanha, que esta semana veio passar férias em Caçapava pela quinta vez, desde que conheceu a cidade através do evento promovido pelo Grupo Os Chimangos. (...) Sempre fica hospedado na residência de Sérgio e Rosângela Rodrigues. O casal diz que o considera ‘filho adotivo’. (...) Sobre Caçapava, Stefan Kulz disse que é uma cidade muito tranqüila e agradável. Relata que a cultura gaúcha não é conhecida na Europa, mas as apresentações dos Chimangos fazem muito sucesso. ‘Eles dançam muito bem. O público também admira a beleza dos trajes’, conta. Dos costumes que conheceu aqui, disse que gostou muito do chimarrão e do CTG. Considera que os

CTGs são instituições importantes para manter a cultura gaúcha. Revela que lhe chama a atenção o fato de ver gaúchos usando trajés típicos pelas ruas da cidade” (Gazeta de Caçapava, p. 7).

Até numa avaliação mais restrita (no sentido de objetivos prévios) dos relacionamentos, existe a grande possibilidade de intercâmbios fomentados e viabilizados pela amizade. Há vários relatos de pessoas que já foram hospedadas para estudos ou simples viagens de passeio em residências de amigos. Com esse sentido, extraímos uma afirmativa que dá uma noção do quanto ainda é possível estabelecer metas de crescimento pessoal e cultural com o evento: *“Então tu tem a oportunidade de sair daqui com a oferta deles para estudar. Se tiver que ir, eles te ajudam. Eu acho isso muito importante e acho que Caçapava ainda não se deu conta disso”* (6.3).

Mas ainda mais intensa do que o conteúdo expresso das amizades que se ajudam ao velho estilo de “uma mão lava a outra”, fica claro que as emoções classificadas como afetividade, carinho, felicidade dão um impulso ao convívio e à comunicação. Grande parte dos depoimentos aponta o ambiente de conversa ou momentos de conversação como o detonador de uma amizade verdadeira e que se mantém pela correspondência. Curioso é a maneira como os envolvidos nesse diálogo resolvem seus problemas lingüísticos: *“a cidade está preparada para receber porque existe a linguagem da amizade”*(4.3).

Para compreender esta amizade declarada pelos participantes da pesquisa e oferecer uma interpretação aos conceitos de emoção e afetividade que se elevam ao patamar de elo entre mundos tão longínquos, buscamos em Maturana (2001) uma

proposição de como emoção e educação se entrelaçam na formação do ser humano e de um vínculo de solidariedade ou convivência.

O autor apresenta a emoção ou as emoções como domínios de ação na qual o ser humano ou animal se movimentam.

“As emoções não são o que correntemente chamamos de sentimento. Do ponto de vista biológico, o que conotamos quando falamos de emoções são disposições corporais dinâmicas que definem os diferentes domínios de ação em que nos movemos. Quando mudamos de emoção, mudamos de domínio de ação” (Maturana, 2001, p.15).

Ao estabelecer esta base conceitual, Maturana procura eliminar o distanciamento entre razão e emoção firmemente estabelecida entre as abordagens tradicionais para explicar ou distinguir o ser humano dos outros animais. Também cria uma área de influência extremamente importante para que se possa entender a profunda interpenetração entre a fonte ou origens do processo cognitivo e a corporeidade humana:

“Dizer que a razão caracteriza o humano é um antolho, porque nos deixa cegos frente à emoção, que fica desvalorizada como algo animal ou como algo que nega o racional. Quer dizer, ao nos declararmos seres racionais vivemos uma cultura que desvaloriza as emoções, e não vemos o entrelaçamento cotidiano entre razão e emoção, que constitui o nosso viver humano, e não nos damos conta que todo sistema racional tem um fundamento emocional” (Maturana, 2001, p.15).

A emoção encarada aqui como uma disposição motivadora de diferentes domínios é imprescindível para o processo de aprendizagem porque ela é antes de mais nada um processo corporal. Todo o conhecimento tem uma inscrição corporal.

Para Assman (1996), não é secundário compreender que a aprendizagem venha acompanhada de prazer. Além disso, o surgimento das formas do conhecimento, do processo cognitivo, implica reconhecê-lo como um processo criativo que se auto-organiza e, nas ciências biológicas de onde Maturana provém, vale registrar que tais conceitos do conhecimento já são paralelos à própria interpretação da vida, enquanto fenômeno que se auto-organiza num contínuo processo de conservação e transformação, em constante relação com o meio.

“Toda a morfogênese do conhecimento é constituída por níveis emergentes a partir dos processos organizativos da corporeidade viva. Por isso todo o conhecimento tem inscrição corporal e se apóia numa complexa interação sensorial. O conhecimento humano nunca é pura operação mental. Toda ativação da inteligência está entretecida de emoções” (Assman, 1996, p.33).

No caso dos relatos que assumiram uma proporção significativa de apontamentos sobre uma afetividade e amizade relevante com relação às suas experiências de intercâmbio, é possível interpretar tais disposições como uma emoção fundante a determinar as ações no meio em que estudamos. Esta emoção é, para Maturana (2001) o amor. *“O amor é a emoção que constitui o domínio de ações em que nossas interações recorrentes com o outro fazem do outro um legítimo outro na convivência. Finalmente, não é a razão que nos leva à ação, mas a emoção”* (2001, p.22, 23).

O amor seria para o autor a principal fundação do sistema social, uma vez que não haveria convivência sem uma aceitação prévia do outro. Assim, Maturana impõe um discurso que revela as nuances da nova sociedade global em que pese as profundas desigualdades e etnocentrismo baseados na rejeição e na xenofobia dos

nacionalismos e racismos. Parte disso, fundamentada na visão tecnicista da competitividade, onde o ser humano em ambiente competitivo se desagrega e perde sua predisposição à convivência. *“Não é a luta o modo fundamental de relação humana, mas a colaboração. Falamos de competição e luta criando um viver em competição e luta, e não só entre nós, mas também com o meio natural que nos possibilita”* (Maturana, 2001, p.34).

Dentro da atual abordagem do processo humano e de apreensão dos conhecimentos faz-se importante ressaltar o papel da linguagem como um fenômeno que ambienta as interações humanas. Além das funções sógnicas e pragmáticas a linguagem é explicada por Maturana como um fruir de interrelações humanas consensuais, porque dela se identifica um “pôr-se de acordo” (2001, p.59). Então, a linguagem prende o ser humano no fazer, já que sempre estará intimamente ligada à ação.

Para Maturana o viver humano acontece no conversar. Essa mesma dimensão oferecemos às interpretações dos relatos que nos elevavam o teor das conversas e das interações praticadas entre hóspedes e famílias da Festa Mundial do Foclore.

“O emocionar da convivência no discurso, na linguagem, não pode nem deve ser negado porque é com ele que se dá o viver humano. É no emocionar que surge tanto o amigo quanto o inimigo, não na razão ou no racional. Por isso devemos entender que a democracia se define e se vive a partir da emoção, a partir do desejo de convivência num projeto comum de vida” (Maturana, 2001, p.77).

9.4 FESTA MUNDIAL COMO ALTERNATIVA ECONÔMICA

Grande parte dos entrevistados associaram os objetivos do evento aos princípios de intercâmbio cultural reconhecendo-o como elemento desencadeador da festa. Contudo, na medida em que os depoimentos tinham seqüência, sobressaiam afirmativas remetidas ao campo econômico e, principalmente, da exploração turística. Fica muito claro pela análise dos dados que tais referências resultam de uma elaboração cronológica ou seqüencial, como a colocarem-se as informações por uma ordem muito particular de importância dos acontecimentos. Nesse sentido foram registradas trinta e seis (36) ocorrências que revelam uma necessidade de estimular uma alternativa econômica através dos recursos da festa, das quais dezesseis (16) depoimentos demonstram especificamente uma grande preocupação dos caçapavanos em ver a Festa Mundial do Folclore elevada ao nível dos grandes acontecimentos turísticos do Estado.



Figura 20 - Mexicanos mostram vigorosa dança folclórica na 5ª Festa Mundial

É bastante elevado o valor que os entrevistados atribuem à Festa Mundial do Folclore como fonte de rendimento para uma economia local já combalida pela queda das atividades minerais que, até meados da década de 1990, mantinha o orçamento municipal com empresas fortes na extração e beneficiamento de Cobre e Calcário. É possível constatar tal ponto de vista em dois tipos de protocolos. Um deles aponta a necessidade de que a cidade e o comércio se preparem melhor para os rendimentos oferecidos com o evento. Outro requer uma ação efetiva no sentido de transformar a festa Mundial em uma importante fonte de renda através do turismo. Mas creio que poderemos entender melhor estas indicações com uma análise prévia do desenvolvimento de Caçapava.